

**Marion Galvão**, aventureira portuguesa, 30 anos

A sua estatura média esconde uma extrema robustez, ganha durante uma juventude feliz e saudável ao ar livre do campo, sempre em busca de “aventuras”. O cabelo castanho arruivado, que usa um pouco abaixo dos ombros, encaracolado em anéis lustrosos, ou num pequeno rabo-de-cavalo quando parte para terras longínquas, foi seguramente herdado da mãe. Os penetrantes olhos verdes podem tornar-se quase inquisidores, deixando pouco à vontade os seus interlocutores, ajudados por um temperamento tranquilo mas assertivo, de alguém que sabe muito bem o que quer. Embora vivendo a vida com grande intensidade, nunca deixa que as emoções tomem conta de si. A bela jovem tem um raciocínio rápido e frio, mesmo quando confrontada com as opções mais importantes da vida.

Nasceu no dia 25 de Março de 1909, em Guimarães. É filha de uma Texana que tinha emigrado, aos 18 anos, com os pais para Londres. Devido a complicados problemas familiares e de negócios, a sua mãe teve de trocar uma vida faustosa na capital inglesa por outra mais modesta e recatada, longe da ribalta, numa localidade discreta, em Portugal, perto da capital Nortenha.

Aprendeu a ler e a escrever com uma percetora portuguesa, enquanto a mãe lhe ensinava inglês. Durante a juventude tirou alguns cursos de desenho e pintura e aprendeu a tocar piano. Canta melodiosamente músicas tradicionais e até fado, que conheceu numa curta temporada académica em Coimbra.

Marion viajou várias vezes para África com o pai, fez safaris em Moçambique, no Congo e no Quênia, chegando a acompanhar expedições de caça grossa, onde aprendeu a atirar. O desconforto de uma tenda no meio do mato e a falta de outras condições, depressa as substituiu pelo imenso prazer que sentia na liberdade da savana africana onde intensificou o gosto pela vida ao ar livre, pela aventura e mesmo pelo perigo. Ao ponto de convencer o pai a tirar o *brevet*, que neste momento a habilita a pilotar pequenos bimotores. A sua

paixão pelo paraquedismo é indisfarçável. O pai acabou por lhe alugar um avião em 2ª mão. É um Lockheed Model 10 “Electra”, muito parecido com o da malograda aviadora americana Amelia Earhart, de quem Marion era uma fã incondicional. Convive perfeitamente com o chegar a casa numa sexta feira, de botas altas enlameadas, roupa khaki e chapéu safari e no sábado à noite já estar de abalada para alguma festa, de elegante vestido comprido e saltos altos, toda “arranjadinha” como uma boneca, muito bem penteada e às vezes até maquilhada. Tem alguns pretendentes sérios mas sabe como a vida familiar é incompatível com as aventuras em que anda sempre envolvida. Talvez um dia destes...

Gosta de se manter atualizada sobre tudo o que se passa no mundo. Todos os dias folheia vários jornais portugueses, um espanhol e um inglês. Num *Daily Telegraph* recente viu um anúncio que a deixou em alvoroço:

*“O Ministério dos Negócios Estrangeiros pretende recrutar intérpretes e tradutores para exercerem funções nas embaixadas de Sua Majestade, tanto no Reino Unido como além-mar. Uma oportunidade excepcional para cidadãos aventureiros e empreendedores que falem fluentemente línguas estrangeiras. Salário atrativo e excelentes oportunidades de viajar pelos cinco Continentes. Marque uma entrevista pelo telefone 24376 ou envie o seu C.V. para Prescott Street, 51, London, England.”*

Há muito tempo que desejava regressar a Inglaterra para tentar resolver aquele assunto familiar pendente, que sempre tinha pairado sobre a sua cabeça como uma pesada nuvem negra. E esta era a oportunidade perfeita. Marion, sem pensar duas vezes, atirou o jornal e saltando da poltrona com ímpeto, gritou:

“Paaaaaaiii, compre-me uma passagem no próximo vapor para Londres.

Mããããããeee, ajude-me a fazer as malas!”

Fala inglês nativo, com sotaque britânico ou americano (imita os dois), português fluente (incluindo sotaque africano, se quiser) e castelhano com sotaque galego.

**Letizia Raya, modista espanhola, 26 anos**

Nasceu em Sevilha no dia 12 de Janeiro de 1913.

Tem uma aparência elegante e frágil. Morena, longos cabelos ligeiramente ondulados sobre os ombros, é uma figura discreta. Exceto quando se veste e maquilha para sair. Com os seus grandes olhos negros, muito expressivos e lábios carmim, parece uma diva do celuloide.

Os pais, um espanhol e uma francesa, emigraram para Marrocos pouco depois do seu nascimento, com a irmã mais velha, Carmen.

Teve uma infância normal e tranquila. Frequentou uma escola francesa mas sem grande interesse pelos estudos. Como os pais trabalhavam fora todo o dia, na embaixada espanhola, quando vinha das aulas ficava em casa de uma vizinha que era costureira. Consuelo, também ela espanhola emigrada, deleitava a jovem moça com a magia de transformar simples rolos de tecido em vestidos lindos de morrer. Depressa se apaixonou pela costura e pela moda. De início apenas observava com grande atenção. Pouco mais tarde, a simpática vizinha, que achava graça a sua incansável curiosidade sobre tudo o que se relacionava com a arte da costura, desde tecidos, linhas, nistros, tesouras, máquinas, tipos de pontos e acabamentos, começou a ensiná-la. Mal acabara de fazer 12 anos, já ajudava a costureira em tarefas simples. Aos 17 arranjou o seu primeiro emprego no atelier de uma famosa modista espanhola, Sira Quiroga, contrariando a vontade dos pais, que preferiam que ela tivesse mais estudos.

Passados alguns anos decidiu regressar à cidade natal para abrir o seu próprio atelier. De início com grande sucesso e clientela estrangeira, em boa parte recomendada pela antiga patroa de Tanger, mas também porque não havia muitas modistas de qualidade em Sevilha, com a sua visão e sentido da moda.

A irmã conheceu um jovem e charmoso oficial, um feroz ativista da causa Franquista, que subiu rápido na carreira militar durante os dramáticos anos da Guerra Civil. Carmen passou a ter aceras discussões políticas no seio da família, toda ela anti-Franco. O desconforto chegou ao ponto da sua irmã, sair de casa e ir viver para Madrid, para perto do noivo, o ambicioso Lorenzo Caldera, que lhe arranjou um lugar de secretária nos Serviços Secretos.

Tem sempre jornais estrangeiros para as clientes além fronteiras, que rareavam agora, efeito colateral da guerra. Ou a situação mudava rapidamente ou teria de fechar o atelier.

Num fim de tarde, sem nada para fazer, enquanto folheava distraidamente o Daily Telegraph, deparou-se com uma notícia que lhe pareceu muito apelativa:

*“O Ministério dos Negócios Estrangeiros pretende recrutar intérpretes e tradutores para exercerem funções nas embaixadas de Sua Majestade, tanto no Reino Unido como além-mar. Uma oportunidade excepcional para cidadãos aventureiros e empreendedores que falem fluentemente línguas estrangeiras. Salário atrativo e excelentes oportunidades de viajar pelos cinco Continentes. Marque uma entrevista pelo telefone 24376 ou envie o seu C.V. para Prescott Street, 51, London, England.”*

Fechou a porta do atelier, fez as malas e apanhou o primeiro vapor para capital Britânica.

Fala castelhano nativo, francês fluente quase sem sotaque, um inglês bastante razoável e um pouco de árabe (aprendido no dia a dia em Marrocos).

**Helga Weinstein**, dominatrix alemã, 28 anos

Nasceu na Alemanha, nos arredores de Munique, no dia 26 de Março de 1910.

Foi *bartender* na infância. Quando os pais faleceram foi o sócio-vizinho que ficou a tomar conta da cervejaria. E da rapariga, já que ela preferiu ficar na cidade nestas condições, do que ser "desterrada" para a santa terrinha para viver com os tios paternos, no meio das vacas e dos pastos.

Kurt Videk, que sempre teve um pouco de inveja dos pais de Helga, ficou radiante por tomar sozinho conta do negócio. Para não parecer que o tinha "roubado" deixou ficar a rapariga. Mas tratava-a como uma gata borralheira. Pelo que não fez grande coisa quando alguns clientes importantes começaram a abusar dela.

Para aguentar a infelicidade de uma vida miserável, pedia ajuda à cerveja, que bebia lá atrás, às escondidas, muito antes de ter idade para o fazer.

Acabou na "vida", tornando-se uma pessoa negativa e desapiedada. Sentia que era ela sozinha contra o mundo. O seu lema passou a ser "zeig keine gnade" (*show no mercy*). Não sente pena por ninguém, já que ninguém tinha tido alguma vez por ela. Na sua profissão tornou-se especializada em clientes submissos, que gostavam de mulheres dominadoras. E nesse aspeto, melhor que Helga era difícil, pois aproveitava a situação para, à sua maneira, desfrutar de uma certa vingança. E ainda lhe pagavam por isso. Muito bem!

Um pintor francês, Maurice Durant, que a achou magnífica, conseguiu levá-la para Paris para ser modelo de nus. Foi apresentada à elite artística francesa e pousou para pintores famosos que encontraram na bela rapariga uma oportunidade de fazerem trabalhos... diferentes. Quando os quadros começaram a aparecer em público, Helga teve outros tipos de clientes (muitos!). Que a mimavam como a princesa que ela achava merecer.

Em troca desses mimos (maços de notas, joias, roupas de marca e peles), Helga retribuía com as suas botas de couro acima do joelho,

um par de algemas e um chicote maléfico...

O pintor, de quem se tornou musa, deixou-se abusar por ela. Maurice sabia que jamais encontraria outra mulher assim. Mas apesar do conforto que lhe davam e a adoração que tinham por ela, a sua vida acabou por se tornar demasiado monótona.

Um dia, Helga pegou em todos os seus bens, e tudo o que conseguiu roubar ao seu protetor e partiu para Inglaterra a convite de um magnata da construção que lhe ofereceu um pequeno apartamento em Londres a troco de lhe fazer companhia em certos jantares de negócios.

Mas rapidamente o seu vício por adrenalina tornou a sua luxuosa vida numa existência insípida e aborrecida.

Até que um dia, lendo casualmente um jornal inglês, encontrou um pequeno anúncio institucional que parecia trazer a promessa de a fazer palpitar novamente. O conteúdo, que a arrebatou de imediato, era o seguinte:

*“O Ministério dos Negócios Estrangeiros pretende recrutar intérpretes e tradutores para exercerem funções nas embaixadas de Sua Majestade, tanto no Reino Unido como além-mar. Uma oportunidade excepcional para cidadãos aventureiros e empreendedores que falem fluentemente línguas estrangeiras. Salário atrativo e excelentes oportunidades de viajar pelos cinco Continentes. Marque uma entrevista pelo telefone 24376 ou envie o seu C.V. para Prescott Street, 51, London, England.”*

Não é que precisasse do dinheiro. Apesar de tudo, até ela sabia que o dinheiro, só por si, não trazia a felicidade. O que ela precisava era de sentir o coração a latejar nos ouvidos. Daquela emoção que até provoca falta de ar.

Levantou-se do sofá e pegou no telefone.

Fala alemão nativo, francês quase sem sotaque (os “r” já são carregados) e inglês fluente (com sotaque alemão).

**Nadine Gautier**, enfermeira francesa, 24 anos

Nasceu em França, na Bretanha, na bonita cidade costeira de Lorient, a 21 de Outubro de 1914, no início da 1ª Grande Guerra.

O pai é de origem espanhola e trabalha na construção naval. A mãe no hospital local, para onde a jovem se dirigia todos os dias no fim das aulas. O contacto com aquele ambiente dos serviços de saúde, médicos, enfermeiras e pacientes, mostraram-lhe cedo a sua vocação: ajudar os outros, tratá-los, dar-lhes conforto, tornar a existência de todos os que a rodeiam um pouco melhor.

Católica convicta, como a mãe, esteve para ir para freira, mas acabou por descobrir que poderia ser mais útil a Deus ajudando as pessoas no dia a dia. Assim que acabou o liceu, ingressou na escola de enfermagem e acabou por se tornar uma Florence Nightingale dos tempos modernos.

Tem um pastor-de-beauce altamente treinado e que responde a um assobio de ultra som (inaudível para os humanos). Nougat pertencia a um bombeiro das patrulhas de salvamento por quem a moça tinha um fraquinho. O intrépido jovem faleceu durante um incêndio de proporções gigantescas, para grande pesar da enfermeira.

Marcel Martin pagou com a vida o salvamento de quase duas dezenas de pessoas, tendo recebido uma condecoração por bravura, a título póstumo.

Por ser visita assídua do quartel e por todos reconhecerem a cumplicidade que existia entre os dois e pela inesgotável empatia que ambos sentiam (cão e enfermeira), o comandante deixou-a ficar com o cão. Para além das pessoas, Nadine desenvolve igualmente com os animais uma grande proximidade. Mesmo na presença de mãos considerados perigosos e/ou ferozes, se ela estende a mão, é para ser lambida, nunca mordida.

Nougat está treinado para missões de salvamento e descobrir pessoas em situações de difícil deteção (para os humanos). Acompanha Nadine para todo o lado.

Embora a dedicação da enfermeira não tenha sofrido uma beliscadura, o seu ânimo e alegria de viver ficaram de rastos com o desaparecimento do bombeiro. Já há meses que anda a matutar na necessidade de se afastar da cidade e partir para uma terra longínqua onde possa esquecer a terrível tristeza que a ensombra. Um dia, ao folhear no hospital um jornal deixado por um paciente inglês, deparou-se com um anúncio que a deixou extremamente curiosa:

*“O Ministério dos Negócios Estrangeiros pretende recrutar intérpretes e tradutores para exercerem funções nas embaixadas de Sua Majestade, tanto no Reino Unido como além-mar. Uma oportunidade excepcional para cidadãos aventureiros e empreendedores que falem fluentemente línguas estrangeiras. Salário atrativo e excelentes oportunidades de viajar pelos cinco Continentes. Marque uma entrevista pelo telefone 24376 ou envie o seu C.V. para Prescott Street, 51, London, England.”*

Pareceu-lhe a oportunidade perfeita. Pediu uma licença de um ano no hospital, fez as malas e fez-se a caminho das terras de Sua Majestade.

Fala francês nativo, castelhano razoável aprendido com o pai e em viagens a Espanha para visitar a família paterna, um pouco de inglês graças aos muitos pacientes ingleses.



**Roxana Dragomir**, trapezista romena, 24 anos

É muito marota, destemida, ousada e desafiadora. Adora testar os limites. Os seus e dos outros. Exuberante e extrovertida. Está sempre alegre e a pregar partidas. E a ser alvo delas.

Nasceu na Roménia, em Craiova, a 1915-02-26 (dia de Carnaval), no seio de uma família de saltimbancos. Juntou-se ainda muito jovem a uma companhia de circo. A sua tremenda destreza e agilidade aliada a uma coragem invulgar, levaram os colegas a sugerir-lhe o trapézio. Bastou subir uma vez lá acima e dar umas quantas voltas nas mãos de outros trapezistas experientes para perceber o que queria fazer na Companhia. Era ainda mais entusiasmante do que rebentar balões com facas voadoras ou estalar o chicote aos tigres de benguela, a quem chama afetuosamente “os meus gatinhos grandes”.

Mas passados anos a fazer sempre a mesma coisa, a adrenalina dos voos no trapézio começou a extinguir-se. E começou a perceber qual era o risco efetivo da sua atividade quando uma colega mais velha, a quem falhou uma segurança, caiu mal e partiu o pescoço ficando paralisada. Essa possibilidade estarreceu-a! Mas continuava a ser uma jovem a precisar desesperadamente de emoções fortes. Talvez o circo afinal não fosse uma coisa que gostaria de fazer para o resto da vida, fosse ela longa ou curta.

A trupe atuava essencialmente na Roménia mas em 1938 surgiu a possibilidade de fazer uma grande tournée pela Europa. Rumou à Hungria, passando pela Áustria e norte de Itália, detendo-se vários meses em França. Logo a seguir ao Natal, já no início de 1939, atravessaram o Canal em direção ao Reino Unido. Foi durante um acampamento nos arredores de Londres, enquanto folheava distraidamente um jornal local, que Roxana viu um anúncio que a fez arregalar os olhos:

*“O Ministério dos Negócios Estrangeiros pretende recrutar intérpretes e tradutores para exercerem funções nas embaixadas de Sua Majestade, tanto no Reino Unido como além-mar. Uma oportunidade excepcional para cidadãos aventureiros e empreendedores que falem fluentemente línguas estrangeiras. Salário atrativo e excelentes oportunidades de viajar pelos cinco Continentes. Marque uma entrevista pelo telefone 24376 ou envie o seu C.V. para Prescott Street, 51, London, England.”*

Pedi licença ao diretor da Companhia para fazer uma pausa, despediu-se de todos os amigos e familiares dizendo que queria ter uma experiência nova (mas sem dizer o quê, insinuando que ia conhecer o mundo, através de outra perspectiva), preparou a pequena mala, já que a vida de saltimbanco a habituara a viajar *light*, e decidiu tentar a sua sorte em Inglaterra. Afinal tinha pouco a perder.

Fala romeno fluentemente, russo quase sem sotaque, francês e inglês razoavelmente.

**Björn Flynn**, arqueólogo sueco, 33 anos

Nasceu em Uppsala (Suécia), no dia 10 de Julho de 1906.

Lawrence (o pai) dava aulas de Literatura em Oxford mas no início da carreira lecionou em Oslo. Foi durante esta temporada que conheceu Sigrid, uma jovem sueca chegada à aristocracia nórdica. Foi ela que insistiu que o apelido inglês do filho, devia ser “compensado” com um nome próprio sueco.

Embora tenha frequentado a escola Internacional a mãe, em casa, ensinava-lhe tudo em sueco, tornando-o bilingue. Pouco depois de fazer 10 anos, o pai teve um convite irrecusável de ensinar na famosa Universidade, pelo que se mudaram de armas e bagagens para Inglaterra.

A mansão paterna era um misto de museu e biblioteca. Ganhou o gosto pela leitura e a sua sede de conhecimento parecia não ter fim. Como a mãe estava em casa, passava muito tempo com ela depois das aulas. A fazer os trabalhos e a ler, claro. O que mais o fascinava eram as descobertas de achados históricos com centenas ou mesmo milhares de anos. As expedições ao Egito faziam-no esquecer o tempo, a família, a fome e o sono. Conseguia sentir o frio, o calor, os cheiros e ver as cores exuberantes daqueles relatos fantásticos que vinham de locais longínquos que não passavam de um pontinho no globo. Estes momentos de abstração total tornaram-no no jovem mais distraído da escola. A sua cabeça está sempre a pensar ou a sonhar. A inventar ou a conjecturar.

Licenciou-se com louvor e distinção em Arqueologia, claro. Muito boas notas mas muito poucos amigos, já que lhe é fácil alhear-se do mundo em prol da ciência. Mesmo que isso pareça um paradoxo. Prefere a aquisição de conhecimento às conversas fúteis das festas, a que só vai para agradar aos pais.

Foi convidado para dar aulas na Faculdade, como assistente. Tem esperança de um dia poder fazer escavações no país natal, mas o seu sonho ainda é visitar mesmo todos aqueles sítios que sempre o

deslumbraram desde a infância.

Um dia, ao ler distraidamente o jornal do dia anterior deparou-se com um anúncio que assentava como uma luva nestas suas aspirações:

*“O Ministério dos Negócios Estrangeiros pretende recrutar intérpretes e tradutores para exercerem funções nas embaixadas de Sua Majestade, tanto no Reino Unido como além-mar. Uma oportunidade excepcional para cidadãos aventureiros e empreendedores que falem fluentemente línguas estrangeiras. Salário atrativo e excelentes oportunidades de viajar pelos cinco Continentes. Marque uma entrevista pelo telefone 24376 ou envie o seu C.V. para Prescott Street, 51, London, England.”*

Pediu licença uma licença sem vencimento por dois anos, despediu-se com pena dos alunos e disse a toda a gente que necessitava de umas férias sabáticas para ir finalmente conhecer locais sobre os quais ensinava.

Fala sueco e inglês fluente, norueguês e finlandês razoavelmente.

**Yuri Gorbátovka**, aristocrata russo, 31 anos

Nasceu em St. Petersburg no dia 15 de Outubro de 1907.

Ainda não tinha feito 11 anos quando a família se autoexilou para a Alemanha e depois para a Áustria, com medo das consequências da revolução bolchevique que acabou por assassinar o czar Nicolau II, a esposa e os filhos.

Como descendente mais velho dos Condes Kravtsov, de Gorbátovka, uma das mais antigas famílias da nobreza Russa, um dia terá de assumir o título do pai, sobrinho-neto do antigo Imperador Alexandre II (também ele assassinado em 1881).

Tem um ódio de morte aos comunistas em geral e aos bolcheviques em particular. Arma sempre confusão quando vê serem-lhe atribuídos documentos oficiais com a bandeira vermelha, de foice e o martelo (adotada em 1924), insistindo que a substituam pela tricolor antiga.

Yuri teve uma educação muito tradicional, como seria de esperar no seio de uma aristocracia conservadora. Aprendeu a atirar e principalmente a esgrimir, uma arte decadente, quase extinta. Mas empunha com grande elegância e eficácia o antigo estoque do seu bisavô (passado de pai para filho ao longo de gerações). Para além de arma letal, é uma peça de arte fabulosa, com copos cravejados de pedras preciosas e uma lâmina afiada do melhor aço que se fazia em Toledo. Dotado de uma constituição física invejável e graças à sua boa aparência, nunca passa despercebido em reuniões que incluam o sexo oposto, quer seja em receções oficiais quer em encontros menos formais.

Encontra-se numa encruzilhada, num dilema sobre o que fazer da vida, até porque já não vai ficando para novo. E é demasiada

ociosidade ficar a viver dos rendimentos o resto da vida. Folheava distraidamente um jornal inglês na antecâmara de uma família amiga dos pais, enquanto esperava ser recebido, quando se deparou com um anúncio que parecia poder resolver este impasse em que se encontrava:

*“O Ministério dos Negócios Estrangeiros pretende recrutar intérpretes e tradutores para exercerem funções nas embaixadas de Sua Majestade, tanto no Reino Unido como além-mar. Uma oportunidade excepcional para cidadãos aventureiros e empreendedores que falem fluentemente línguas estrangeiras. Salário atrativo e excelentes oportunidades de viajar pelos cinco Continentes. Marque uma entrevista pelo telefone 24376 ou envie o seu C.V. para Prescott Street, 51, London, England.”*

Disse aos pais que tinha encontrado um propósito na vida que os deixaria orgulhosos (mas não referiu o que era), levantou algum dinheiro, fez as malas, enfiou-se no seu admirável BMW 335 novinho em folha e rumou a Londres.

Fala russo nativo, alemão fluente, inglês razoavelmente e um pouco de italiano e francês.

**Giovanni Rossi**, mecânico italiano, 29 anos

Nasceu em Maranello, na província de Modena, em Itália, no dia 05 de Setembro de 1910.

O pai sempre trabalhou nos automóveis, em oficinas locais, com imenso sucesso, que o seu jeito inato para as máquinas era inegável. Alguns anos depois do filho nascer, foi contratado pelo próprio Nicola Romeo para trabalhar nos carros de corrida da ALFA.

Giovanni cresceu numa moradia em que havia tanto espaço de garagem como de casa. É que o pai gostava de construir e testar ele próprio as suas “inovações”. Tinha pouco que saber, mal acabou o liceu o rapaz foi estudar engenharia de máquinas para a famosa Universidade Politécnica de Milão, onde se formou com distinção. Ainda antes de terminar o curso já fazia um *part-time* para a Alfa Romeo, junto do pai, na vertente dos carros de corrida, e tal como este estava constantemente a inventar soluções surpreendentes para os mais diversos problemas. Mas as competências do garboso jovem não se ficavam pelos carros. Desde relógios as fechaduras, máquinas e maquinas, cofres, nenhuma “engenhoca” tinha segredos para ele. Era só uma questão de tempo...

A vida corria tranquilamente, sem sobressaltos, um namorico aqui ou ali, até ao dia em que conheceu a irmã de um piloto inglês, Miss Fanny Kerrigan. É verdade que, por ser tão bem parecido, estava habituado a ter as atenções de um vasto “público” feminino. Mas Fanny era única no mundo. Sabia que jamais conheceria outra assim. E como ela não foi na sua “cantiga” com a mesma facilidade com que seduzia as outras todas, ele precisava de mais tempo. Ela era definitivamente... a tal! Tinha de arranjar uma forma de ir para Inglaterra, quando ela regressasse a casa com o irmão. Enquanto estabelecia, secretamente, contactos com possíveis fábricas e oficinas em terras de Sua Majestade, descobriu num velho jornal inglês, provavelmente trazido por algum membro da escudaria britânica, um anúncio que poderia temporariamente resolver o

problema:

*“O Ministério dos Negócios Estrangeiros pretende recrutar intérpretes e tradutores para exercerem funções nas embaixadas de Sua Majestade, tanto no Reino Unido como além-mar. Uma oportunidade excepcional para cidadãos aventureiros e empreendedores que falem fluentemente línguas estrangeiras. Salário atrativo e excelentes oportunidades de viajar pelos cinco Continentes. Marque uma entrevista pelo telefone 24376 ou envie o seu C.V. para Prescott Street, 51, London, England.”*

Pedi uma licença no trabalho, convenceu o pai de que precisa de viajar para conhecer outros mecânicos e novas técnicas, fez as malas e apanhou um combóio para França, de onde seguiria para Londres. Ainda pensou levar o seu carro, mas a ideia de ter de conduzir do lado errado da estrada, incentivou a opção caminho de ferro.

Fala italiano nativo, inglês e francês razoavelmente e um pouco de castelhano.



**Ashish Kapur**, médico indiano, 33 anos

Nasceu no seio de uma família tradicional da alta burguesia em Mumbai (Índia), no dia 12 de Novembro de 1905.

Os Kapur tinham negócios de sedas, tapeçarias e a última geração investiu, com muito sucesso, na construção.

Sempre foi um jovem muito tímido mas de uma inteligência muito acima da média. Esta combinação ostracizou-o na escola. Dava-se pouco com os colegas e tinha muita vergonha das raparigas. A professora de Biologia convenceu os pais de que o seu aluno preferido era um menino prodígio e como tal, deveria estudar numa boa universidade inglesa. Ou desperdiçar-se-ia um enorme talento. Aos 17 anos, findo o liceu, no meio de grande choradeira familiar, o promissor rapaz lá entrou no paquete rumo a terras de Sua Majestade, para estudar medicina, deixando para trás muitos lenços a acenar e uma família destroçada por perder um ente tão querido mas inchada de orgulho pela ideia de ter, dentro de poucos anos, um médico formado em Londres. Ah, se aquela vizinhança toda não ia morrer de inveja!...

Graduou-se com honra e distinção. Não fosse a cor da pele, poderia ir muito longe. Mas a sua timidez e as origens, indisfarçáveis, não ajudavam. Exerceu durante alguns anos nos melhores hospitais londrinos, mas nunca passou da cepa torta, como grande médico que era, porque os colegas europeus, aproveitavam-se dele e roubavam-lhe todos os méritos.

Entretanto ia dizendo aos pais que ainda não podia regressar porque tinha de aprender e praticar mais, quando na realidade se sentia fascinado pela vida citadina que o envolvia, mas de que raramente participava.

Estava a começar a esmorecer e a fazer contas à vida para, finalmente, dar uma boa notícia aos pais quando, lendo distraidamente o Daily Telegraph, numa soalheira e ociosa manhã de domingo, viu um anúncio que o fez vibrar:

*“O Ministério dos Negócios Estrangeiros pretende recrutar intérpretes e tradutores para exercerem funções nas embaixadas de Sua Majestade, tanto no Reino Unido como além-mar. Uma oportunidade excepcional para cidadãos aventureiros e empreendedores que falem fluentemente línguas estrangeiras. Salário atrativo e excelentes oportunidades de viajar pelos cinco Continentes. Marque uma entrevista pelo telefone 24376 ou envie o seu C.V. para Prescott Street, 51, London, England.”*

Pedi um mês de férias no hospital para, pelo menos ir averiguar do que se trata concretamente este desafio. Não disse nada aos pais e fez-se à estrada.

Fala hindu nativo, inglês perfeitamente fluente mas com o sotaque característico e um pouco de francês.

**Allen Payne**, cineasta americano, 28 anos

Nasceu no dia 4 de Julho de 1911, pelo que o seu aniversário é sempre em festa.

Nado e criado em Los Angeles, na Califórnia, foi muito cedo que ganhou fascínio pelo cinema, que na década de 20 já se tornava uma indústria poderosa, na carismática Hollywood, uma zona em franco crescimento a noroeste de Los Angeles (LA).

Os pais trabalhavam ambos em Hollywood. A mãe, Cleonice Moraes, nascida no Rio de Janeiro, carioca de gema, conheceu o pai, Kevin Payne, um engenheiro de minas americano, durante uma longa estadia no Brasil. Amor pela bela morena à primeira vista, tendo regressado à terra natal (LA) já casado.

Cleonice, que todos tratam carinhosamente por Cleo, cantava e tocava violão num boteco do pai, seu Aristides Moraes. O estabelecimento era o que ficava mais perto do hotel onde estava hospedado Kevin. Ao fim do dia, o engenheiro gostava de ir refrescar as ideias e ainda mais a garganta, depois de um dia de trabalho intenso no “inferno”, como chamava à mina, pela insuportável temperatura tropical nos seus arredores. E foi assim que Mr. Kev conheceu senhorita Cleo.

Allen queria seguir as pegadas do pai no ramo da engenharia, mas sentia-se mais atraído pelo ramo da matéria. Depois de acabar o liceu, ingressou na Universidade da Califórnia, para estudar química. Os seus estudo vocacionaram-se para o fabrico, utilização e revelação das películas cinematográficas e fotográficas. Tornou-se um especialista em câmaras de filmar e rapidamente estava a fazer curtos estágios na meca do cinema.

A paixão pelas artes dramáticas, herdada da mãe, foram grande incentivo para fazer parte ativa do grupo de teatro da faculdade, do qual foi grande impulsionador.

Todos estes conhecimentos de mecânica, herdados do pai e do avô, que tinha uma oficina de automóveis e a química do celuloide eram um prenúncio de um futuro promissor em Hollywood.

Mas um dos seus maiores sonhos era visitar a velha Europa. Uma bela manhã, enquanto folheava um *Daily Telegraph* no estúdio deparou-se com a oportunidade perfeita:

*“O Ministério dos Negócios Estrangeiros pretende recrutar intérpretes e tradutores para exercerem funções nas embaixadas de Sua Majestade, tanto no Reino Unido como além-mar. Uma oportunidade excepcional para cidadãos aventureiros e empreendedores que falem fluentemente línguas estrangeiras. Salário atrativo e excelentes oportunidades de viajar pelos cinco Continentes. Marque uma entrevista pelo telefone 24376 ou envie o seu C.V. para Prescott Street, 51, London, England.”*

Fez as malas, despediu-se da família e apanhou o vapor para atravessar o Atlântico, a caminho do velho Continente.

Fala inglês nativo (com sotaque americano, obviamente), português fluente (com sotaque brasileiro) e castelhano razoável (com sotaque sul americano).